



Director literario:

*Alcides Campa*  
PAPIM

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

# O SECULO

Director artistico:

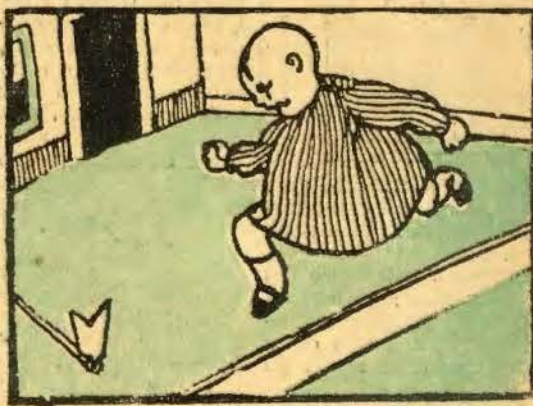
*João Collares*  
PAPUSSE

## CORRIDA TRÁGICA

Por AUGUSTA DE CARVALHO



O Pedrito estava um dia  
Na quinta do avôsinho,  
A brincar dentro da eira,  
Onde se via um sachinho.



Fazendo dêle um cavalo  
Dava o Pedro pulos taís,  
Que, se fosse verdadeiro,  
Não podia correr mais.



Ralha o avô, ralha a mãe,  
Mas Pedro não os ouvia,  
Tal era o entusiasmo  
Com que o cavalo corria.



De repente, (oh que desgraça!)  
Pisou a pá do sachinho,  
E o cabo foi dar em cheio  
Sobre o nariz do Pedrinho.

Pararam logo os pinotes  
Do cavallinho bravo;  
E o Pedro foi para casa,  
Com as lágrimas em fio.



# QUADROS

Por VASCO de A. ROCHA

Desenhos de E. MALTA



OS jornais de New-York — a formidável cidade americana dos arranha-céus — apareceu um dia esta curiosa notícia que causou sensação em todo o mundo:

«A formosa menina Mary Ford, filha do conhecido milionário Charles Arlen Ford, propõe-se casar com o mancebo que mostre ser o mais inteligente e audacioso. Mãos à obra, rapazes! Fazei alguma coisa de extraordinário

que provoque a admiração de Mary Ford, e casareis com a menina mais sedutora e rica da América do Norte!»

Calcule-se o entusiasmo dos jovens americanos! Pululavam freneticamente por todos os cantos de New-York à cata duma aventura que fizesse alarde no mundo inteiro!

Era meia noite. Na colossal habitação de Charles Ford, reinava um pesado silêncio. Todos dormiam. De repente, ouviu-se um grito agudo logo seguido de um forte retinir de campainhas eléctricas, e de várias vozes grossas, que, aflitivamente, chamavam a polícia pelo telefone. A residência do milionário ficou, de súbito, completamente iluminada. Que acontecera?

Ao outro dia, um dos principais jornais da New-York, publicava esta sensacional notícia:

«Ontem, pela volta da meia noite, um audacioso gatuno conseguiu penetrar no palácio do conhecido milionário Charles Arlen Ford».

A menina Mary Ford, que dormia profundamente, foi despertada de chofre por um grande

estrondo, e, ao distinguir na escuridão um vulto que caminhava vagarosamente — e que não tardou a desaparecer com bastante rapidez — soltou um grito de susto.

A formosa filha de Charles Ford, verificando que um dos seus mais valiosos colares de pérolas tinha desaparecido, desmaiou.

Entretanto os criados, que acordaram aflitos, chamaram logo a polícia mas, quando esta apareceu, já o misterioso gatuno se tinha escapado.

Num dos ricos móveis do quarto de Mary, foi achado um papel com esta palavra escrita: «Quadros!»

Quem era Quadros? O que significava a palavra Quadros? seria o nome do gatuno, ou o da sua divisa? Mistério!

Por toda a cidade ia uma azáfama extraordinária. O mancebo que capturasse o ladrão do colar, consociar-se-ia, decerto, com a filha do milionário.

Uma palavra enorme, enigmática, estava gravada a letras de fogo no cérebro de todos os americanos: — Quadros!

Passou-se uma semana; ninguém pôde descobrir quem fôra o autor do furto.

Mary Ford, resolveu, por isso, organizar em sua casa uma reunião de rapazes, para os incitar a procurá-lo mais afincadamente, prometendo, em prémio, a sua mão.

Com efeito, uma noite, num dos maiores aposentos do milionário, apresentaram-se mais de 1.000 jovens que olhavam extaticamente a formosura de Mary, e que ouviam com toda a atenção as suas palavras estimulantes.

— Amigos! — dizia a adorável filha de Ford. Se o colar que me roubaram não me fôsse dado por minha mãe, dois dias antes da sua morte, eu confesso-vos, francamente, que não me importaria muito com o roubo! Então nenhum de vós pôde descobrir nada, mesmo nada, que aclarasse



mais um pouco a palavra Quadros que continua ainda rodeada de densas trevas?

Mary não obteve resposta. A formosa menina já começava a desesperar, quando um rapaz bem vestido, elegante, simpático, se adiantou, e lhe disse com muita calma:

— O seu colar aparecerá!

Mary, murmurou:

— Bonito rapaz!

E mais alto:

— Quem é o senhor?

— Chamo-me Ramiro, Ramiro... só Ramiro! Nasci numa das belas cidadezinhas de Portugal: Aveiro, cognominada a Veneza de Portugal... Ah!... Tenho dezoito anos de idade.

— É então um português?

— Sim, senhora, sou um português, e orgulho-me muito de ser português!

V. Ex.<sup>a</sup> é americana, não é...?

— Sou...

—... E é também muito formosa!...

— Sim?... Acha?...

— Sim, acho... Mas... Bem! Voltemos ao colar! Sabe?... Quasi descobri quem era Quadros? Quadros! Não lhe parece que é um bonito nome? Quadros?!...

— Realmente... — respondeu Mary, que se tornou muito corada. Vendo que o rapaz desatava a rir, também não conseguiu dominar o riso...

E todos os rapazes que assistiam um pouco despeitados a esta scena, começaram por contágio a soltar estrepitosas gargalhadas, de maneira que, passado pouco tempo, era tal o barulho, que Mary teve de retirar-se para um aposento contíguo, acompanhada do joven português.

Dai a momentos, fez-se o mesmo silêncio que antes reinava. E quando todos já se impacientavam pela demora de Mary e do rapaz que dizia chamar-se Ramiro — só Ramiro... — ouviu-se um grande grito.

Os americanos levantaram-se rapidamente, e, em tropel, dirigiram-se para o aposento aonde a joven tinha desaparecido. Estava deserto. Num dos móveis, encontraram o seguinte papel com estas palavras escritas:

«Roubei o colar e raptei Mary. Quadros!»

Então o tal Ramiro, o português, é que era Quadros?!

O desapontamento foi geral, e as pesquisas para encontrá-lo foram infrutíferas.

Sim, o audacioso português não se chamava apenas Ramiro; tinha também o apelido de Quadros!

Lera pensativamente a notícia dos jornais em que Mary Ford prometia consorciar-se com o joven que mostrasse ser ao mesmo tempo inteligente e intrépido. Pois bem: Faria todos os esforços possíveis — e até impossíveis! — para conquistar tam apetecido prémio! Só se não lhe girasse impetuosamente nas veis o sangue dos seus famosos antepassados que se cobriram de glória em batalhas memoráveis contra castelhanos, franceses, holandeses, e bem assim contra povos de todas as raças e religiões!

E na sua mente desenvolveu-se o plano — deveras temerário — que os leitores já conhecem.

Quando Mary entrou no tal aposento para escapar ao barulho ensurdecedor das fortes gargalhadas dos mancebos americanos, sentiu-se súbitamente agarrada por dois braços musculosos, e erguida ao ar como se fôsse uma pena. Ramiro Quadros galgou, quatro a quatro, os degraus que separavam vinte andares, e, mal se achou na rua, chamou um «taxi», e meteu-se rapidamente nêle.

A formosa americana, longe de tentar libertar-se, olhava, com admiração, o rosto bonito do seu raptor.

— O senhor está louco! — disse ela. Não tarda muito que o prendam, e lhe façam passar um mau bocado, um pouco semelhante ao que o senhor me fez passar a mim!

Ramiro desatou a rir. Mas, de repente, tornou-se sério.

— Minha senhora; — disse elle — fui eu que entrei em sua casa e lhe roubei o colar; fui eu que fiz com que V. Ex.<sup>a</sup> despertasse, atirando de propósito ao chão uma das suas magnificas cadeiras; fui eu que fiz andar um pouco embaraçada a intelligencia dos jóvens americanos; fui eu que a raptei ainda agora; e sou eu que vou restituir-lhe immediatamente o seu colar, porque, — (e V. Ex.<sup>a</sup> deve já ter calculado) — se o roubei foi para fazer alguma cousa que desse brado, e permitisse que ganhasse o prémio... Mas enganei-me. Peço que me desculpe, sim? É verdade! Vão prender-me... Paciência! Eu mando parar o «taxi», e, entretanto, V. Ex.<sup>a</sup> chama um polícia. Olá! Pst! Pare!

Mas Mary interveio:

— Não senhor! Não pare, senhor «chauffeur»!

Este obedeceu. Ramiro ficou estupefacto.

— Olhe lá, audacioso Quadros; a terra onde você nasceu, Aveiro — não é Aveiro?... — é bonita? Merece, realmente, o epíteto de Veneza de Portugal?...

— Mas... — balbuciou Ramiro.

— Que atrapalhação é essa? Atrapalhado? O senhor, que é tão valente?!

(Conclue na página 6)



# O Tesouro do Brahmane

— Por ALDA PINA —

Desenhos de EDUARDO MALTA



INDRI era o único filho do velho Rajah que o adorava sobre todas as coisas. Quando Indri completou vinte anos, o pai chamou-o e disse-lhe:

— Filho, és novo, belo, a tua alma é generosa e a tua inteligência clara.

Eu sinto-me velho; é pois tempo de escolheres noiva. Não quero morrer sem que um sorriso dum neto me alegre a alma.

— Meu pai, respondeu Indri, de todas as donzelas que conheço, nenhuma desejo para minha esposa.

— És bem mau de contentar, filho! Pois nem tua prima te agrada?

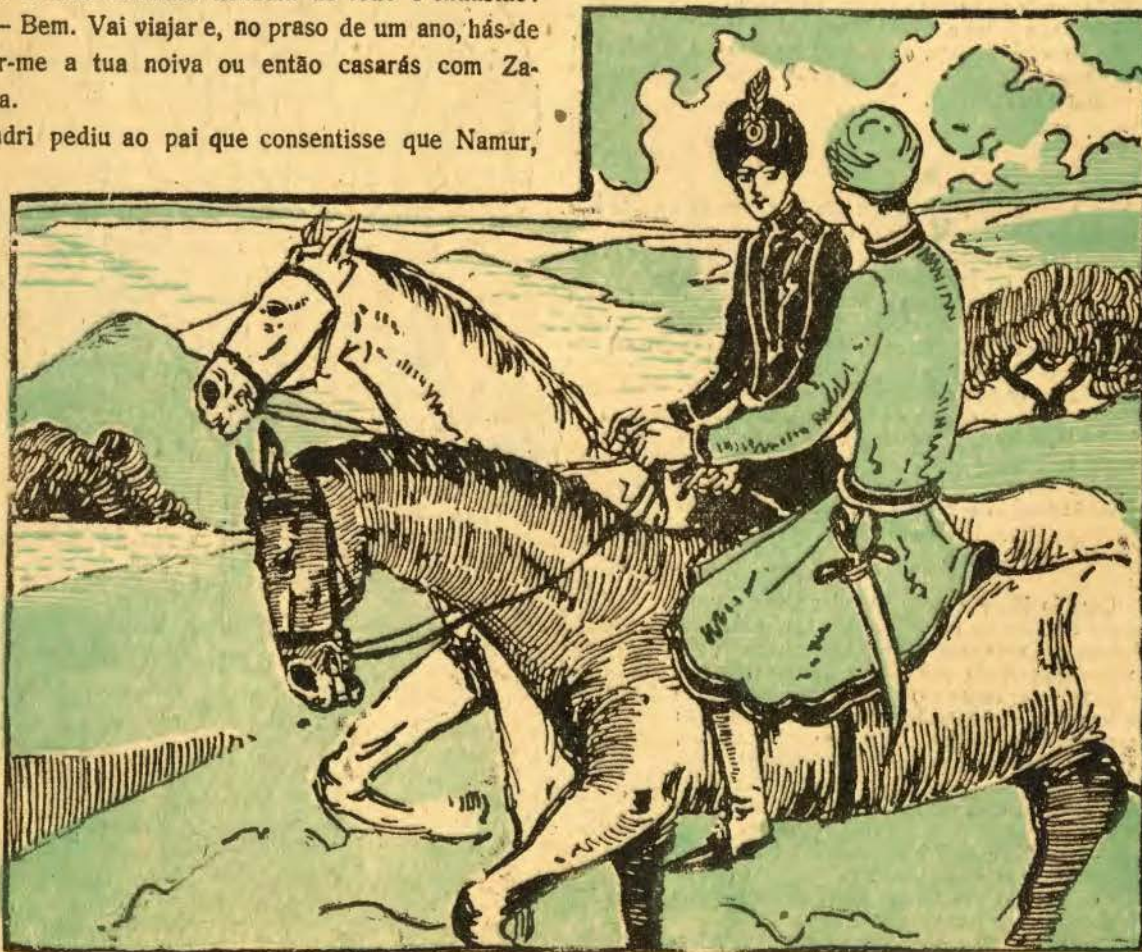
— Nem mesmo a Zagfrana, apesar de ter a fama de ser a mais formosa donzela de todo o Industão!

— Bem. Vai viajar e, no praso de um ano, hás-de trazer-me a tua noiva ou então casarás com Zagfrana.

Indri pediu ao pai que consentisse que Namur,

um jôven brahmane, o favorito de rajah, o acompanhasse, no que o rajah consentiu com alegria, pois melhor companheiro não podia Indri encontrar.

Duma janela, Zagfrana assistiu à partida, que se realizou três dias depois da conferência entre o pai e o filho. Dos olhos lindos da donzela as lágrimas caíam em fio. Também os olhos de Namur tomaram uma angustiada expressão ao fixarem-se nela. Os dois jôvens amavam-se mas, como ela era a prometida de Indri, não se atreviam a falar ao rajah. Durante três dias e três noites, Indri e Namur galoparam, sem lhes acontecer nada de imprevisto. Ao terceiro dia, quasi ao pôr do sol, ao voltarem uma curva do caminho, deparou-se-lhes um espectáculo que os fez estacar, surpreendidos. Dois guerreiros lutavam, ferozmente, sangrando por numerosas feridas. Ao verem os dois cavaleiros, interromperam o





combate, para logo voltarem à carga com dobrada fúria. Foi tal o ímpeto que ambos rolaram pelo solo. Um, de rôsto feroz e quási negro, estava morto; o outro, um belo tipo de raça indiana, apesar de mortalmente ferido, ainda respirava. Os dois mancebos prestaram-lhe os possíveis socorros. Com voz débil êle agradeceu. Depois, arrastando-se até ao corpo inerte do outro guerreiro, tirou-lhe do sinto uma chave de ouro cinzelada, e, deixando-se cair no solo, entregou-a a Indri. Com uma voz que ia enfraquecendo gradualmente, o moribundo disse a Indri;

— Não sei quem és, mas deves ser valente e generoso! Com essa chave, te dou o que de mais caro possuía no mundo; o meu tesouro! Peça-te que o guardes e protejas. Êsse homem que aí está morto, roubara-me o meu tesouro; lutámos, êle morreu, que Brahma me perdõe! Apressemo-nos que já me faltam as forças. Dirige-te áqueles rochedos que daqui se avistam. O mais alto está coberto de folhagem. Afasta-a e verás um orifício onde introduzirás a chave. Lá dentro da gruta está o meu tesouro. Leva-o... o meu... tesouro... meu... a... môr!

Um soluço mais e a nobre cabeça do guerreiro tombou inanimada.

Namur e Indri abriram duas covas e enterraram os restos mortais dos dois guerreiros para que não

servissem de pasto às fêras. O luar iluminava brilhantemente a paisagem. Os dois amigos montaram novamente a galoparem, céleramente, direitos às rochas. Á suave luz do astro nocturno, os olhos dos dois formosos cavaleiros fulgiam como brilhantes negros. Chegados aos rochedos, fácil lhe foi encontrar o tesouro que o guerreiro designara. Dentro da gruta reinava profunda escuridão. Lá muito ao fundo, porém, via-se um débil raio de luz, que parecia escoar-se através as frinchas duma porta.

— Ê ali que está o tesouro, disse o filho do rajah ao companheiro. E vê tu, Namur, que saímos em busca duma donzela e depara-se-nos um tesouro. Enfim, vejâmos o tesouro, e procuraremos depois a minha noiva.

Mal Indri empurrou a porta, soltou um grito abafado. Esperava vêr montes de ouro e pedras finas mas o que via ainda mais o deslumbrava. Um lampadário, de vidros azuis, espelhava uma poética luz na gruta mobilada com assombrosa magnificência. Sobre um coxim forrado de seda vermelha, franjada a ouro, dormia uma rapariga duma beleza incompa-

# Quadros

(Continuação da página 3)



A jóven americana soltou uma gargalhada cristalina, e concluiu:

— Senhor Ramiro Quadros! Dêste momento em diante, tenho a honra de lhe chamar esposo — querido esposo! Foi o senhor que ganhou o prémio. É audacioso, inteligente, elegante, simpático... enfim, possui todas as qualidades do rapaz que eu sonhava para esposo!

Decorreu outra semana.

O milionário Charles Ford, que tinha abatido muito desde o rapto de sua filha, ficou alegre e estupefacto ao ler um telegrama que lhe enviava Mary, e que dizia assim:

«Papá: O meu raptor, o bonito Ramiro Quadros, restituiu-me o colar que me roubou, e, como foi ele quem ganhou o prémio, apresso-me a dar-lhe a minha mão nalguma deliciosa terra da sua linda Pátria. Adeus, papá. Brevemente visitá-lo-hei na companhia do meu querido esposo.

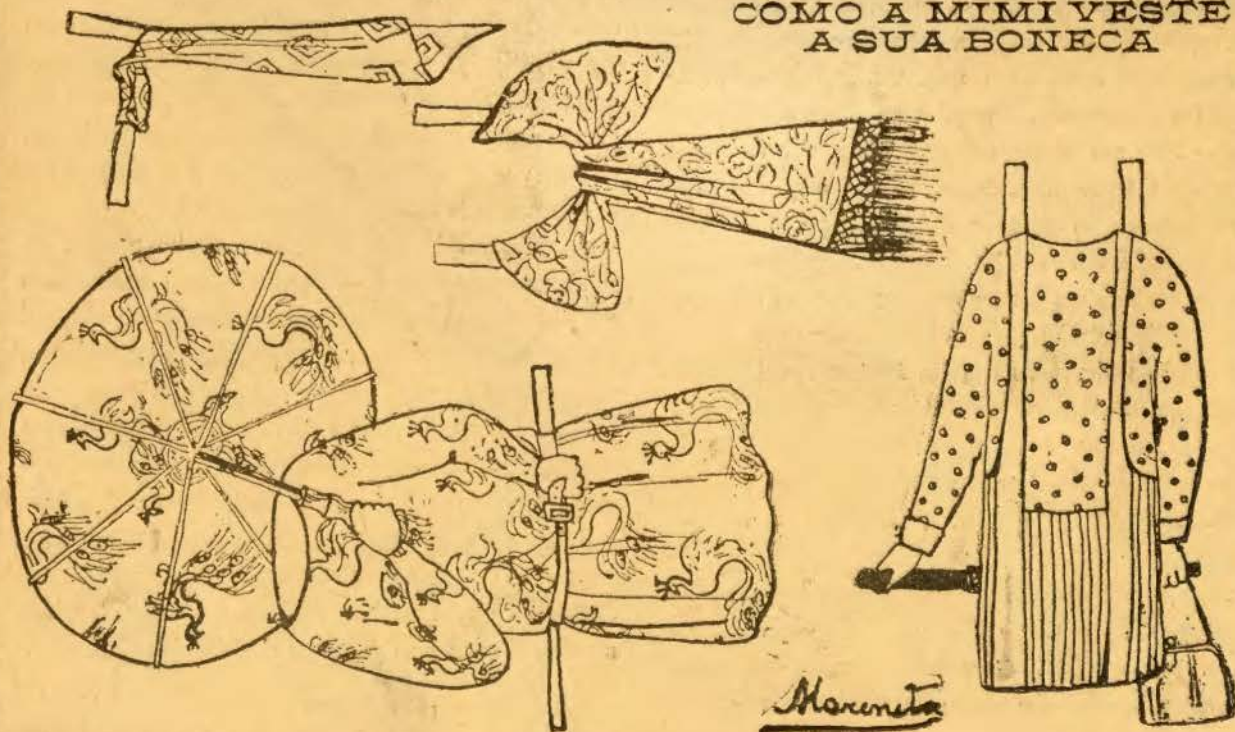
Sua filha: Mary».

Êste telegrama foi publicado em quâsi todos os jornais do mundo.

Os americanos foram unânimes em confessar que a idéia do audacioso Ramiro Quadros tinha sido genial, e o resultado — excelente...

## F I M.

COMO A MIMI VESTE  
A SUA BONECA



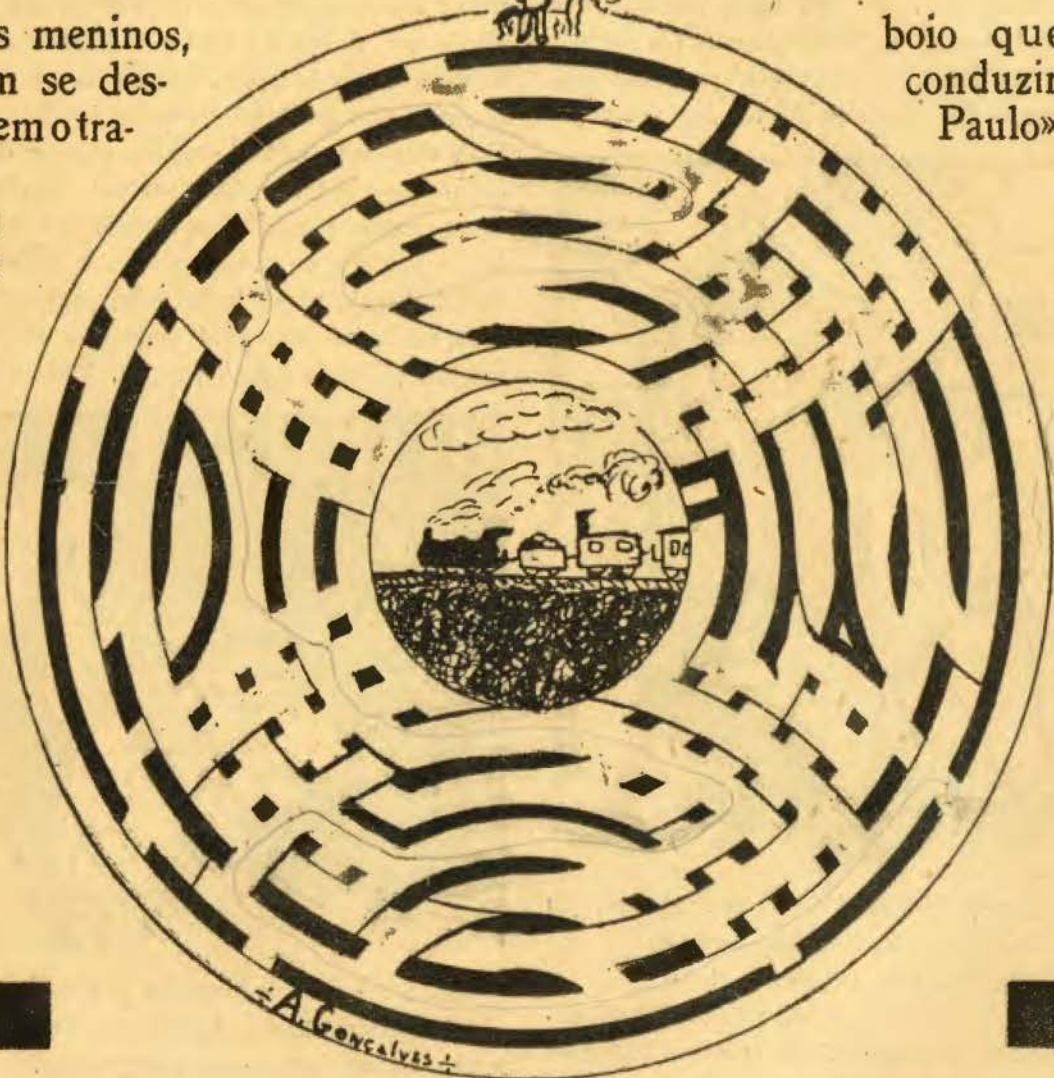
*Maximeta*

# HORA DO RECREIO

## LABIRINTO

Meus meninos,  
vejam se descobrem o tra-  
jecto  
que  
deve  
se-  
guir  
o  
com-

boio que vai  
conduzir o «tio  
Paulo» até á  
sua  
al-  
deia  
mi-  
nhô-  
ta.



### Enigmas pitorescos

### Solução das adivinhas do numero anterior



1 — Espinho; 2 — Barco; 3 — Nespeira; 4 — Santo; 5 — Figueira; 6 — Guarda; 7 — Rio Ceira; 8 — Sofia; (Capital da Bulgaria). 9 — Lima; (Capital do Peru).

# O Tesouro do Brahmane

(Continuação da página 5)

rável. Vestia uns amplos calções de setim azul, sôb uma túnica branca, bordada a ouro e safiras. Nos pés, microscópicos, umas babuchas azuis bordadas a pérolas. Nenhum véo lhe cobria o rôsto, duma pureza de linha ideal. Era tam linda, tam linda que Indri cafu de joelhos e, estendendo para ela as mãos súplices, murmurou: Ou tu ou nenhuma outra será minha esposa! Ela despertou. Ao vêr dois desconhe-



cidos, ergueu-se dum saito e, com voz cantante, que o susto fazia tremer ligeiramente, inquiriu:

— Quem são? Que me querem?!

Foi Numur quem respondeu, pois Indri continuava, de joelhos, contemplando-a. O moço brahmane contou à formosa Telitza o que se passava. Duas lágrimas rolaram pelas mimosas faces da beldade.

— Meu adorado Pai! Morreu por mim! Vindes aqui em busca dum tesouro?! Esse tesouro sou eu!

Era assim que meu pai me chamava: Minha Telitza! Meu tesouro! Mortal palidez cobriu-lhe o rôsto e ela tombou desmaiada. Indri tomou-a nos braços e montou a cavalo, enquanto Namur cobria o lindo rôsto de Telitza com um leve véo. De volta ao palácio, Indri ia louco de alegria e amor, Namur cheio de esperança, pensando em Zagfrana. O rajah acolheu-os, cheio de júbilo, e não só aprovou a esco-

lha do filho, como também consentiu no casamento do seu favorito com Zagfrana. Os casamentos realizaram-se com uma pompa maravilhosa. Dias depois, por uma tarde ardente, um soberbo elefante seguia pelo caminho que fa dar à gruta, que fôra habitada por Telitza e á qual, o filho do rajah dera o nome de Gruta da Deusa. Sôbre o dorso do paquiderme, ampla quadrapa vermelha bordada a azul. Uma cilha sugêitava a «handa», espécie de palanquim que pode levar cinco pessoas. Efectivamente cinco pessoas montavam o animal: o cornaca, sôbre o pescoço do colosso e dentro do palanquim dois homens e duas damas, que, pela riqueza do traje, mostravam ser pessoas de elevada esfera. Eram Zagfrana, Telitza e seus esposos. Vinham visitar a



gruta e a sepultura do guerreiro. E todos os anos, no dia do aniversário dos casamentos, os dois felizes casais vinham fazer aquela peregrinação.

O velho rajah viu realizada a sua suprema ambição: antes de morrer sentiu as carícias adoráveis de dois, não menos, adoráveis nêtnhos!

F I M

Enigma pitoresco

Nam tu O É X

Americo